PORTUGUÊS

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

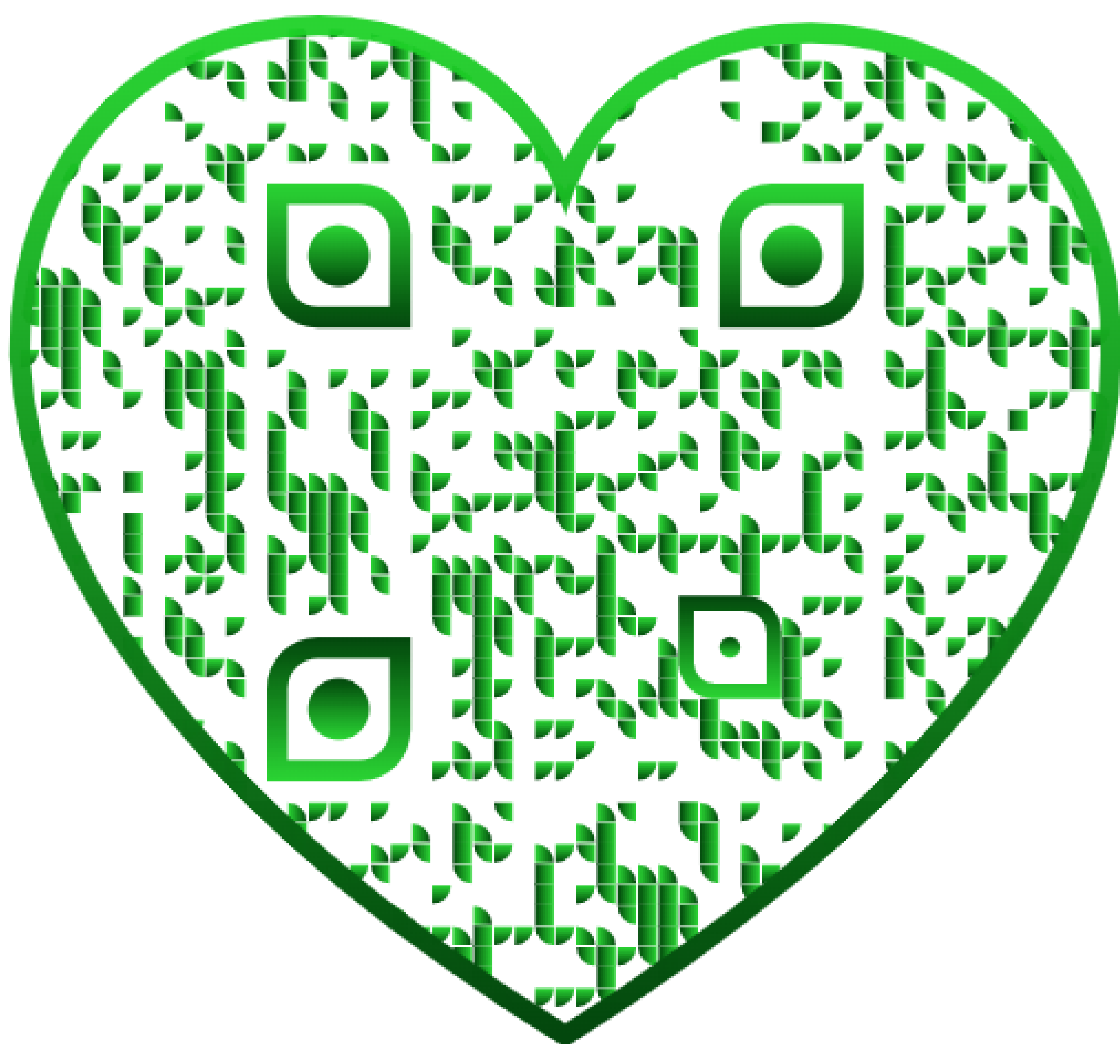
Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS



O ESCRAVOCRATA
Artur Azevedo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

Copyright© 2000/2002 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

O ESCRAVOCRATA
Artur Azevedo

Drama em 3 atos
Em colaboração com Urbano Duarte

1884

A Alfredo Bastos
oferecem
os sinceros e saudosos amigos
A.A.&U.D.

PRÓDOMO

O Escravocrata, escrito há dois anos e submetido à aprovação do Conservatório Dramático Brasileiro sob o título *A família Salazar*, não mereceu o indispensável *placet.* Embora não trouxesse o manuscrito nota alguma com declaração dos motivos que ponderaram no ânimo dos ilustres censores, para induzi-los à condenação do nosso trabalho, somos levados a crer que essa mudez significa — ofensa à moral, visto como só nesse terreno legisla e prepondera a opinião literária daquela instituição.

Resolvemos então publicá-lo, a fim de que o público julgue e pronuncie.

Sabemos de antemão quais os dois pontos em que a crítica poderá atacá-lo: imoralidade e inverossimilhança. Conhecendo isso, sangramo-nos em saúde.

O fato capital da peça, pião em volta do qual gira toda a ação dramática, são os antigos amores de um mulato escravo, cria de estimação de uma família burguesa, com a sua senhora, mulher nevrótica e de imaginação desregrada; desta falta resulta um filho, que, até vinte e tantos anos de idade, é considerado como se legítimo fosse, tais os prodígios de dissimulação postos em prática pela mãe e pelo pai escravo, a fim de guardarem o terrível segredo.

Bruscamente, por uma série de circunstâncias imprevistas, desvenda-se a verdade; precipita-se então o drama violento e rápido, cujo desfecho natural é a consequência rigorosa dos caracteres em jogo e da marcha da ação.

Onde é que se acha o imoral ou o inverossímil?

As relações amorosas entre senhores e escravos foram e são, desgraçadamente, fatos comuns no nosso odioso regime social; só se surpreenderá deles quem tiver olhos para não ver e ouvidos para não ouvir.

Se a cada leitor em particular perguntássemos se lhe ocorre à memória um caso idêntico ou análogo ao referido no *Escravocrata,* certo estamos de que ele responderia afirmativamente.

A questão de moralidade teatral e literária diz respeito tão somente à forma, à linguagem, à fatura, ao estilo. Se os moralistas penetrassem na substância, na medula das obras literárias, de qualquer época ou país que sejam, de lá voltariam profundamente escandalizados, com as rosas do pudor nas faces incendidas, e decididos a lançar no *index* todos os autores dramáticos passados, presentes e futuros.

Repetir estas coisas é banalidade; há, porém, pessoas muito ilustradas, que só não sabem aquilo que deveriam saber.

Seria muito bom que todas as mulheres casadas fossem fiéis aos seus maridos, honestas, ajuizadas, linfáticas, e que os adultérios infamantes não passassem de fantasias perversas de dramaturgos atrabiliários; mas infelizmente assim não sucede, e o bípede implume comete todos os dias monstruosidades que não podem deixar de ser processadas neste supremo tribunal de justiça — o teatro.

Não queremos mal ao Conservatório; reconhecemos o seu direito, e curvamos a cabeça. Tanto mais que nos achamos plenamente convencidos de que, à força de empenhos e de argumentos, alcançaríamos a felicidade de ver o nosso drama à luz da ribalta. Mas esses trâmites seriam tão demorados, e a idéia abolicionista caminha com desassombro tal, que talvez no dia da primeira representação do *Escravocrata* já não houvesse escravos no Brasil. A nossa peça deixaria de ser um trabalho audacioso de propaganda, para ser uma medíocre especulação literária. Não nos ficaria a glória, que ambicionamos, de haver concorrido com o pequenino impulso das nossas penas para o desmoronamento da fortaleza negra da escravidão.

Janeiro de 1884

Artur Azevedo e Urbano Duarte

PERSONAGENS

SALAZAR, *negociante de escravos*

GUSTAVO, *seu filho*

LOURENÇO, *seu escravo*

SERAFIM, *ex-sócio do Clube Abolicionista Pai Tomás*

DOUTOR EUGÊNIO, *médico*

SEBASTIÃO*sócio de Salazar*

UM COMPRADOR DE ESCRAVOS.

UM CREDOR.

UM CAIXEIRO.

JOSEFA, *irmã de Salazar*

GABRIELA *mulher de Salazar*

CAROLINA *sua filha*

Três mulatas baianas, escravos.

A cena passa-se no Rio de Janeiro.

ATO PRIMEIRO

Escritório em uma casa de alugar escravos. À esquerda, secretária; à direita, sofá sobre o qual está um número do Jornal do Commércio; cadeiras. Porta ao fundo, à esquerda. Encostadas à parede do fundo, à esquerda, uma trouxa e uma esteira suja enroladas.

CENA I

SALAZAR, *depois* UM CAIXEIRO. SALAZAR *escreve por algum tempo, sentado à secretária; toca o tímpano; entra o caixeiro.*

O CAIXEIRO *(Da esquerda alta.)* — Pronto!
SALAZAR — Levou os negros à Polícia?
O CAIXEIRO — Sim, senhor; já estão de volta.
SALAZAR — Bem. Seguem para cima, amanhã, no expresso das quatro horas e meia. Às três em ponto, o senhor deverá estar de pé, a fim de poder achar-se na Estação às quatro. São quarenta e quatro cabeças, incluindo o Lourenço. Tome lá. Vá à minha casa e entregue este bilhete a minha mulher. Ela deve entregar-lhe o Lourenço, e o senhor o reunirá ao lote de escravos que vai embarcar. *(Levantando-se, passa à direita.)* Resolvi desfazer-me daquele tratante, haja o que houver, e nada me demoverá deste propósito. Pode ir. *(O Caixeiro sai pelo fundo.)*

CENA II

SALAZAR, SEBASTIAO

SEBASTIÃO *(Da esquerda alta.)* — Possuímos a melhor fazenda que existe atualmente no mercado do Rio de Janeiro; não achas, Salazar?

SALAZAR *(Sentando-se no sofá.)* — Gente superfina. Os nossos comitentes do Norte capricharam desta vez. Só a renque[1] da crioulada vale vinte e cinco, alto e mau, de olhos fechados. É para fazer água na boca! Há pouco, quando o lote passava na rua, o Arruda da Prainha lançou-lhe um olhar de sete palmos e meio. É só para os moer!

SEBASTIÃO — O Arruda nunca recebeu nem receberá uma partida de negros como esta, que veio pelo Ceará.

SALAZAR — Não há um só alcaide. Gente limpa, escorreita, moça, reforçada e dócil, que faz gosto. Só do Ceará nos vieram dez crioulos retintos, que valem o seu peso em ouro. Se tu não os venderes a vinte e cinco ou trinta dias, não te chamarás Sebastião de Miranda, o famoso negreiro fluminense, sócio e amigo íntimo de Pedro Salazar, negociante de grosso trato e fazendeiro sem hipotecas.

SEBASTIÃO — Sim, espero fazer bom negócio. Por fora a gente é de primeira qualidade, não há dúvida, mas por dentro! Quem é que pode lá conhecer mazelas de negro? Negro é bicho do diabo, Salazar! As vezes estão cheios de moléstias ocultas, que só confessam quando lhes faz conta.

SALAZAR — Nem tanto! Pois hão de iludir os médicos?

SEBASTIÃO — Ora os médicos, os médicos! Por cinco mil réis de mais ou de menos, fazem a inspeção conforme queremos.

SALAZAR — Negro não tem licença para estar doente. Enquanto respira, há de poder com a enxada, quer queira, quer não.

SEBASTIÃO — De acordo, mas hoje anda aí em moda tratá-los bem... com humanidade... não sei que mais...

SALAZAR — Tolices! Humanidade para negro! Para moléstia de negro há um remédio supremo, infalível e único: o bacalhau[2]. Deem-me um negro moribundo e um bacalhau, que eu lhes mostrarei se o não ponho lépido e lampeiro com meia dúzia de lambadas!

SEBASTIÃO — Perfeitamente de acordo. Mas, quer queiramos, quer não, temos de contemporizar com essas idéias... Os tais senhores abolicionistas...

SALAZAR *(Erguendo-se e descendo ao proscênio.)* — Psiu! Não me fales nessa gente, pelo amor de Deus! Só o nome dessa cáfila de bandidos que ultimamente me têm feito perder mais de oitenta contos, irrita-me de um modo incrível!

---

[1] Fila, alinhamento de pessoas ou coisas.
[2] Tipo de chicote de couro.

SEBASTIÃO — Também a mim. Regra geral e sem exceção: sujeito que nada tem a perder e não sabe onde cair morto declara-se abolicionista.

SALAZAR — Eu vou mais adiante: sujeito que tentou sem resultado todos os empregos, profissões e indústrias, e em nenhum conseguiu reputação ou fortuna, por ser incapaz, indolente, prevaricador ou estúpido, arvora-se por último em abolicionista, para ver se deste modo segura os pirões.

SEBASTIÃO- E com que desprezo nos chamam de escravocratas! Dizem que negociamos em carne humana, quando são eles que traficam com a boa-fé dos papalvos, e lhes vão limpando as algibeiras, por meio de discursos e conferências!

SALAZAR — Exploram o elemento servil pelo avesso, sem os percalços do ofício. Ao menos nós damos aos negros casa, cama, comida, roupa, botica e bacalhau.

SEBASTIÃO — Principalmente bacalhau. Porque o negro, sem ele, é uma utopia! *(Indo examinar uns papéis à secretária.)* Recebeste hoje carta do Evaristo?

SALAZAR *(No proscênio.)* — Sim; a safra promete ser excelente. Quatro mil arrobas de primeira. Tudo na melhor ordem.

SEBASTIÃO — Com um administrador como o Evaristo, vale a pena ser fazendeiro. É o nosso factótum![3]

SALAZAR — Honesto, ativo, fiel; longa prática do eito[4] e chicote sempre na mão!

SEBASTIÃO — Basta que visitemos uma ou duas vezes por ano a nossa fazenda do Pouso Alto, para que as coisas nos corram sem novidade. *(Salazar desce ao proscênio.)* Mas então levo ou não levo o Lourenço?

SALAZAR — Sem dúvida; desta vez ele não escapa. Irra! que já ando aborrecidíssimo com aquela peste! Preciso descartar-me dele, oponha-se quem se opuser! Nada me enraivece mais que ver um negro emproado! Já por diversas vezes tenho querido tirar-lhe a proa com uma surra mestra; mas minha mulher, minha filha e meu filho metem-se de permeio e fazem-me uma choradeira de todos os diabos!

SEBASTIÃO — Pois ainda és desse tempo? Atendes a súplica de família, quando se trata de surrar negro?

SALAZAR — Pois se eles sempre se colocam em sua frente para defendê-lo?! Ainda anteontem, minha mulher quase apanhou uma lambada que era destinada ao Lourenço! Protege-o escandalosamente, alegando ser ele cria da família, e não sei mais o quê... E há vinte e cinco anos, desde o meu casamento, que aturo as insolências daquele patife! Leva a ousadia ao ponto de não abaixar a vista quando fala comigo! Oh! mas desta vez, vendo-o definitivamente!

---

[3] Factótum. Pessoa indispensável.
[4] Roça onde trabalham escravos.

CENA III

OS MESMOS, SERAFIM

SERAFIM *(Da porta do fundo.)* — O Senhor Pedro Salazar?

SALAZAR — Que deseja, senhor? *(Serafim entrega-lhe uma carta.)*

SEBASTIÃO *(À parte, examinando Serafim.)* — Que tipo! Polícia secreta, flor da gente, ou poeta! *(Vai sentar-se no sofá e lê o Jornal do Commércio.)*

SALAZAR *(Depois de ler a carta.)* — Serafim Pechincha é o senhor?

SERAFIM — Em carne e osso.

SALAZAR — O compadre Ribeiro escreve-me: *(Lê.)* "O portador é o Senhor Serafim Pechincha, moço, filho de uma boa família provinciana, o qual se acha desempregado e reduzido à expressão mais simples. Parece ser ativo; é inteligente. Vê se o podes ocupar em algum serviço."

SERAFIM — Redação simples, mas eloquente!

SALAZAR — A recomendação do compadre Ribeiro é muito valiosa; porém, creio, não estranhará que eu procure saber das suas habilitações e precedentes. É natural... não acha?

SERAFIM — Naturalíssimo. Julgo do meu dever falar-lhe com toda a franqueza, para que me fique conhecendo, e depois não diga que sim, mas que também... Eu cá sou despachado.

SEBASTIÃO *(À parte.)* — A linguagem não é de polícia secreta!

SALAZAR — Diga.

SERAFIM — Começo por declarar que sou um tipo arrebentado[5].

SALAZAR — Arrebentado?

SERAFIM — Arrebentadíssimo. Consta-me, por informações de terceiro, que pertenço a uma boa família provinciana, ao que, aliás, não ligo muito crédito.

SALAZAR — Como assim?

SEBASTIÃO *(À parte.)* — Flor da gente com certeza!

SERAFIM *(À Salazar.)* É verdade; não tenho a mais vaga reminiscência de pai nem mãe. Cuido mesmo que já nasci orfão. Oh! triste sina! *(Procura o lenço e não o acha; limpa uma lágrima à aba do paletó.)* Quando, há tempos, o princípe Natureza dissertou sobre o choque de pai e mãe, senti que o coração se me dilacerava de saudades.

SEBASTIÃO *(À parte.)* — Agora parece poeta.

SALAZAR — Mas não tem parente algum?

SERAFIM — Lá chegarei... gosto de ir por partes... Aos dez anos, tenho lembrança de que um tio nos meteu, a mim e a dois irmãos, em uma espécie de colégio na Rua de São Diogo.

SALAZAR — Mas até os dez anos? De nada se recorda?

SERAFIM — É célebre![6]

SERAFIM — Celebérrimo! Mas todo eu sou celebérrimo! Como dizia, meteram-me no colégio, a mim, ao Chico e ao Cazuza. Aí estivemos três

---

[5] Sem dinheiro.

[6] No texto: extravagante ou estranho.

anos, durante os quais passamos fome de cachorro. O diretor era mais sovina que grosseiro, e mais estúpido que sovina e grosseiro. Um belo dia, nós, não podendo suportá-lo, tratamos uma conspiração, aplicamos-lhe uma coça de marmeleiro, e fugimos do colégio.

SALAZAR *(À parte.)* — Bom precedente!

SERAFIM — Daí em diante, a minha vida tem sido um romance... sem palavras. Quem lhe dera, senhor Salazar, possuir de contos de réis os dias que não tenho comido! *(Gesto de Salazar.)* Não se admire disto! não me peja dizer a verdade nua e crua... Eu sou do tipo arrebentado. Há dias em que acredito mais no balão Júlio César do que numa nota de quinhentos réis! Tenho tentado todos os empregos: fui manipulador de cigarros durante dois meses, exerci o nobre mister de testa-de-ferro, fiz-me cambista, redator do *Incendiário,* e até representei no teatro...

SEBASTIÃO *(Vivamente.)* — Ah! foi cômico?

SERAFIM — Não, senhor: fiz uma das pernas do elefante do *Ali-babá,* na Fênix.

SALAZAR — Mas que fim levaram seus irmãos?

SERAFIM — Ah! esses foram mais felizes que eu; arranjaram-se perfeitamente.

SALAZAR — Estão empregados?

SERAFIM — Ou coisa que o valha: o Chico meteu-se no Hospício de Pedro II.

SALAZAR — Como enfermeiro?

SERAFIM — Como doido.

SALAZAR — Enlouqueceu?

SERAFIM — Qual! teve mais juízo que eu; cama, mesa, médico, uma ducha de vez em quando para refrescar as idéias, e uma camisola para o frio. Afinal, é um meio de vida como outro qualquer!

SALAZAR *(Surpreso.)* E o?... Como se chama?

SERAFIM O Cazuza? *(Assobia.)* Um finório! Tantos empenhos meteu, que conseguiu um lugar no Asilo da Mendicidade.

SALAZAR Ah! ... como inspetor de turma?

SERAFIM Qual inspetor! qual turma! Como mendigo!

SEBASTIÃO *(À parte.)* — É um tipo único!

SERAFIM — Vive hoje muito tranquilo e satisfeito a desfiar estopa. Estão ambos arranjados: eu é que ainda não criei juízo, e vivo ao deus-dará!

SALAZAR — Por que não se torna abolicionista?

SERAFIM *(Recuando indignado e tomando uma atitute teatral.)* — Senhor João Salazar...

SALAZAR — Pedro... Pedro, se me faz favor...

SERAFIM — Senhor Pedro Salazar! creio que todas as misérias que acabei de lhe relatar não o autorizam a cuspir-me em face tal injúria! Sou um tipo arrebentado, mas, graças a Deus, ainda não desci tão baixo!

SALAZAR Então odeia?...

SERAFIM — Os abolicionistas? Não os odeio: desprezo-os!

SEBASTIÃO *(Levantando-se entusiasmado e apertando-lhe a mão.)* — Toque!

SALAZAR — Toque *(Serafim tem cada uma das mãos apertadas por cada um dos sócios.)* De hoje em diante pode considerar-se empregado de Salazar & Miranda!

SEBASTIÃO — Entende alguma coisa de negócio?

SERAFIM — Pouco, mas — modéstia à parte — sou muito inteligente. Com qualquer coisa, me ponho em dia... Se me dessem uma explicação sumária...

SEBASTIÃO — Pois não... agora mesmo... *(Tomando-lhe o braço.)* Venha comigo...

SERAFIM *(Saindo, à parte.)* — Que dirão os meus colegas do Clube Abolicionista Pai Tomás?! *(Sebastião sai com Serafim pela esquerda alta.)*

CENA IV

SALAZAR, GUSTAVO

SALAZAR *(Só.)* — Desta gente é que eu preciso!

GUSTAVO *(Entra do fundo amarrotando um jornal que tem na mão.)* — Sacripantes![7] Safardanas![8] Leia isto, meu pai, veja se o infame mofineiro[9] que publicou este aranzel[10] contra vosmecê e a nossa família não merece que se lhe corte a cara a vergalho[11]! Leia isto!

SALAZAR — Não, não leio! Apesar de não ligar a mínima importância ao grasnar desses miseráveis gazetilheiros[12], que só andam à cata de quem os compre, as suas verrinas[13] deixam-me numa irritação nervosa, que me tira o apetite. Ah! se eu pilhasse os tais abolicionistas todos no eito!

GUSTAVO — Quem sabe? Pode ser que um dia...

CENA V

OS MESMOS, LOURENÇO, *o* CAIXEIRO

CAIXEIRO — Cá está o mulato.

SALAZAR *(A Lourenço.)* — Prepara a tua trouxa; tens que seguir amanhã para cima.

LOURENÇO *(Fita-o e depois diz pausadamente.)* — Mais nada?

---

[7] Indigno.
[8] Desprezível, abjeto.
[9] Desgraçado.
[10] Arenga.
[11] Chicote feito do órgão genital seco de um boi ou cavalo.
[12] Folhetim, jornal de Segunda linha, pasquim.
[13] Crítica apaixonada e virulenta.

SALAZAR *(Furioso.)* — Mais nada! Desavergonhado! Patife! Cão! Puxa já daqui!

LOURENÇO — Não lhe quis faltar ao respeito... Este é o meu modo de falar.

SALAZAR — Modo de falar! Pois negro tem modo de falar? Quando estiveres em minha presença, abaixa a vista, ladrão! *(Lourenço não lhe obedece.)* Abaixa a vista, cachorro! Corto-te a chicote se o não fizeres! *(Lourenço conserva-se imperturbável. Salazar avança com um chicote, mas Gustavo o contém.)*

GUSTAVO — Peço por ele, meu pai! Lourenço é um escravo dócil e obediente. *(A Lourenço, com brandura.)* Abaixa a vista, Lourenço. *(Lourenço obedece.)* Ajoelha-te! *(Idem.)* Pede humildemente perdão a meu pai de lhe não haveres obedecido incontinenti.

LOURENÇO — Peço humildemente perdão a meu senhor...

SALAZAR — Puxa daqui, burro! *(Lourenço sai.)*

CENA VI

SALAZAR, GUSTAVO

GUSTAVO — Vai mandá-lo para fora?

SALAZAR — Definitivamente. Escusam de pedir-me. Cada vez tem menos vergonha! é uma peste!

GUSTAVO — Nem tanto. Apesar da ojeriza e do desprezo que tenho por tudo quanto me cheira a negro cativo, conservo alguma estima pelo Lourenço.

SALAZAR — As tais amizades do senhor moço! Viu-te nascer, trouxe-te ao colo, etc., etc... Olha, podes estar certo de que, na primeira ocasião propícia, ele te envenenará numa xícara de café ou num copo d'água! Ainda és muito moço: não sabes de quanto um negro é capaz!

GUSTAVO — Sei bastante; para esta raça amaldiçoada só há três princípios: o eito, o bacalhau e a força! Mas não posso deixar de abrir uma exceção para o Lourenço...

CENA VII

OS MESMOS, *um* COMPRADOR

COMPRADOR — O senhor Pedro Salazar?

SALAZAR — Um seu criado; que deseja?

COMPRADOR — Sei que recebeu, pelo vapor Ceará, uma bela partida de raparigas: desejo comprar-lhe algumas. *(Gustavo, durante o diálogo, entretem-se a cortar com uma tesoura um artigo do* Jornal, *que trouxe na mão, e guarda o retalho.)*

SALAZAR — Tenho o que lhe serve: fazenda nova, bonita e limpa.

COMPRADOR — Pode-se ver?

SALAZAR — Imediatamente. *(Toca o tímpano, entra o caixeiro.)* Traga as mulatas da Bahia. *(Sai o caixeiro.)* Crioulas não lhe servem? *(Gesto negativo do comprador.)* Sim, para o seu negócio... *(Abaixando a voz.)* É coisa papa-fina e barata.

CENA VIII

SALAZAR, GUSTAVO *o* COMPRADOR, SEBASTIÃO, SERAFIM, *o* CAIXEIRO, *três mulatas.*

SERAFIM *(Empurrando as mulatas.)* — Vamos! Depressa! Negro não tem vergonha! Olha que ar de santa tem esta descarada! Tiro-te a santidade com couro cru! Formem as três para este lado!

SALAZAR — Assim! *(À parte.)* Tenho homem.

SERAFIM *(Ao Comprador.)* Foi o senhor que pediu as mulatas? Ei-las! Veja que três mucamas esplêndidas? *(à parte.)* Olá! o Raposo cáften!

GUSTAVO *(À parte, indicando Salazar.)* — Ainda não achei situação azada para lhe dar o bote... Preciso muito... muito...

SERAFIM *(Indicando as mulatas.)* — Esta daqui cozinha, lava e engoma perfeitamente. Aquela engoma, lava e cozinha admiravelmente. Aquela outra cozinha, engoma e lava como ninguém ainda cozinhou, lavou e engomou neste mundo.

SEBASTIÃO — Possuem ainda uns dengues baianos, mas que se tiram com o chicote!

SERAFIM — Vai bem servido. *(A uma das mulatas.)* Faze aí um dengue, para aqui o senhor apreciar. Vamos lá! Dize assim: *Ó* gentes, ioiô! Mecê tem partes! *(As mulatas conservam-se cabisbaixas e silenciosas.)* Fala, desavergonhada!

SEBASTIÃO *(Baixo a Serafim.)* — Deixe-se de patuscadas... O negócio é coisa muito séria.

SALAZAR *(Ao Comprador.)* — Que tal?

COMPRADOR — Bom frontispício. *(A uma mulata.)* Abre a boca, rapariga. Boa dentadura! *(Passa-lhe grosseiramente a mão pela face e pelos cabelos, vira-a e examina-a de todos os lados.)* Boa peça, sim, senhor! Tira fora este pano. *(A mulata não obedece.)*

SALAZAR — Tira fora este pano; não ouves? *(Arranca o pano e atira-o violentamente fora. A mulata corre a apanhá-lo, mas Sebastião empurra-a. Ela volta ao lugar e desfaz-se em pranto, cobrindo os seios com as mãos.}*

SEBASTIÃO — Olhem! Quer ter pudor! Onde já se viu isto? Negra com pudor!

SERAFIM — E chora! Ora não querem ver! Cachorra! Daqui a pouco é que hás de chorar deveras!

COMPRADOR *(A Salazar, baixo.)* — Por esta que está chorando dou vinte e cinco, negócio fechado.

SALAZAR *(Baixo.)* — Menos de trinta, nem um real... Tem pudor, homem! *(A Serafim.)* Leve-as. *(Sai Serafim, empurrando na sua frente as mulatas. Sai igualmente o Caixeiro.)*

CENA IX

SALAZAR, o COMPRADOR, SEBASTIÃO, GUSTAVO

(Dois grupos. Salazar conversa com o Comprador, Sebastião com Gustavo.)

GUSTAVO *(A Sebastião.)* — Estou em talas[14].

SEBASTIÃO — Como sempre.

GUSTAVO — Mas desta vez a coisa é séria, uma dívida de honra!

SEBASTIÃO — Já conheço as suas dívidas de honra: pagar a conta de alguma cocote.

GUSTAVO — Juro-lhe que a coisa é de gravidade. Uma ninharia: quatrocentos mil réis; mas, se os não arranjo, sou bem capaz de fazer saltar os miolos!

SEBASTIÃO — Seria sua primeira ação de juízo.

GUSTAVO — Acha que meu pai me negará esse dinheiro? Vou dar-lhe o bote!

SEBASTIÃO — Se eu fosse seu pai, não lho daria, porque tenho a certeza de que você iria perdê-lo, até o último vintém, na banca francesa.

COMPRADOR *(A Salazar.)* — Pois então está concluído o negócio. Hoje mesmo virei buscá-las.

SEBASTIÃO *(Ao Comprador.)* — Mas o senhor ainda não viu toda a gente que temos! Talvez encontre alguma que lhe agrade. Venha contemplá-la. *(Saem juntos.)*

CENA X

SALAZAR, GUSTAVO

GUSTAVO — Quero pedir-lhe um favor, meu pai.

SALAZAR — Dinheiro? Não há!

GUSTAVO — Mas...

SALAZAR — Não há, já disse! Não me aborreça!

GUSTAVO — É que...

SALAZAR — Não há quês, nem kás; ganhe-o com o suor de seu rosto, que eu não estou para alimentar vícios de malandros! *(Sai.)*

CENA XI

---

[14] Apuros.

GUSTAVO, *depois* LOURENÇO

GUSTAVO *(Só.)* — Estou a braços com um caiporismo[15] medonho! Há três dias que não ganho uma parada! Não me ponho no prego, por ser difícil achar quem me queira! Joguei quatrocentos mil réis sob palavra e não tenho com que os pagar! Os amigos a quem posso recorrer ou já são meus credores, ou são tão forrecas como eu. Palavra que não sei de que expediente lançar mão. *(Lourenço entra de mansinho e vem colocar-se junto de Gustavo, sem que ele o veja.)*

LOURENÇO — Vossemecê está incomodado?

GUSTAVO — Ah! Lourenço, pregaste-me um susto! Estou incomodado, sim.

LOURENÇO — E Lourenço não pode saber?

GUSTAVO — Ora! Saber para quê? Que remédio podes dar-me? O que eu quero é dinheiro! É de dinheiro que eu preciso! Tu o tens para mo emprestar?

LOURENÇO *(Tirando do bolso, dinheiro embrulhado num lenço sujo.)* — Aqui estão minhas economias, juntadas vintém por vintém... Se vossemecê precisa, Lourenço faz muito gosto...

GUSTAVO *(Abrindo o embrulho e contando avidamente o dinheiro.)* — Cento e vinte mil, seiscentos e vinte réis... *(À parte.)* Soma esquisita! Oh! que palpite! Em meia dúzia de paradas, isto pode render um conto de réis! Lourenço, daqui a pouco te restituirei esse dinheiro e mais vinte mil réis de gratificação. *(Sai correndo.)*

CENA XII

LOURENÇO, *depois* GABRIELA, CAROLINA

LOURENÇO *(Ergue os olhos aos céus e enxuga uma lágrima.)* — O jogo, sempre o jogo! Não posso, não devo, não quero sair de junto dele.

GABRIELA *(Entrando com Carolina.)* — Lourenço, onde está o senhor Salazar?

LOURENÇO — No escritório do guarda-livros.

GABRIELA — Carolina, vai lá dentro ter com teu pai. Vê como lhe fazes o pedido. Lembra-te de que ele é arrebatado; só com muita brandura se pode levá-lo...

CAROLINA — Não lhe dê cuidado, mamãe... *(Saindo, a Lourenço.)* Trata-se de vossemecê senhor Lourenço... Veja lá como lhe queremos bem! *(Sai.)*

CENA XIII

[15] Má sorte.

LOURENÇO, GABRIELA

LOURENÇO *(Baixo e em tom de ameaça.)* — Não quero absolutamente afastar-me de junto dele.

GABRIELA *(Muito nervosa.)* — Sim, sim... Farei tudo quanto estiver ao meu alcance, mas não fales nesse tom, porque se nos ouvem...

LOURENÇO — Não tenhas susto; há vinte e dois anos que guardo este segredo, e ainda não pronunciei uma palavra que pudesse despertar desconfianças. Prometo guardá-lo até à morte, se a senhora fizer que eu me conserve sempre ao lado dele.

GABRIELA — Sim... prometo... prometo... *(À parte.)* Oh! Deus! mereço eu tamanho castigo? *(Alto.)* Sai daqui... Aproxima-se o senhor Salazar. *(Lourenço sai.)*

CENA XIV

GABRIELA, SALAZAR, CAROLINA

CAROLINA *(A Salazar.)* — Perdoe ainda esta vez. Garanto-lhe que de hoje em diante ele abaixará a vista quando estiver, em sua presença.

SALAZAR — Tá tá tá! O Lourenço segue amanhã com o lote tocado pelo Sebastião, e vai apanhar café na fazenda, com instruções ao Evaristo para castigá-lo com todo o rigor à menor falta. É resoluço inabalável! Não cederei aos anjos do céu, que venham em comissão.

CAROLINA *(Com voz trêmula pela comoção.)* — Se as minhas palavras não o comovem, meu pai, ao menos as minhas lágrimas... *(Desata em pranto.)*

SALAZAR — Valha-me Deus! Vem cá, pequena, dize-me: que interesse têm vocês em proteger aquele tratante?

GABRIELA — Não é interesse, senhor, é amizade. O Lourenço é cria de família... viu-a nascer... e ao Gustavo. Trouxe-os ao colo. Tratou-os sempre com carinho. Além disso, é bom escravo: o senhor, só o senhor antipatiza com ele.

CAROLINA — Sem razão, sem razão. Aquilo nele é natural. Cada qual como nasceu. Vossemecê preferia que o Lourenço fosse desses escravos que na frente se derretem em humilhações e por detrás são inimigos encarniçados de seus senhores?

SALAZAR *(Depois de uma pausa.)* — Bem... Ainda desta vez, cedo.

AS DUAS — Ah!

SALAZAR — Mas sob uma condição...

CAROLINA — Qual?

SALAZAR — De me deixarem livre e desembaraçadamente ir-lhe ao pêlo, quando não andar muito direitinho.

CAROLINA – Pois bem.

SALAZAR — Levem-no com todos os diabos!

CAROLINA *(Abraçando-o.)* — Ah! obrigado, paizinho. Lourenço! *(Lourenço aparece.)* Vamos para casa. Vem conosco.

SALAZAR *(A Lourenço.)* — Vá lá, mas sem exemplo! Agradeça à sinhazinha, ladrão. *(Ouve dentro pancadaria e choradeira.)* Que é isto?

GABRIELA *(Enquanto Salazar volta as costas.)* — Vamos, vamos! *(Sai com Carolina. Lourenço acompanha-as.)*

CENA XV

SALAZAR, SERAFIM

SERAFIM *(Trazendo um vergalho em uma das mãos e uma grande palmatória na outra.)* — Arre! Estreei-me perfeitamente!

SALAZAR — Que foi?

SERAFIM — Esta corja de moleques e negrinhas! Faziam uma algazarra de ensurdecer! Distribuí chicotadas da direita para a esquerda! Não perdi uma!

SALAZAR — Toque! O senhor é o homem que me serve! *(Depois de lhe apertar a mão.)* Vou vê-los! Vou vê-los! *(Sai.)*

SERAFIM (*Só.)* — Que dirão os meus colegas do Clube Abolicionista Pai Tomás?

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO II

Em casa de Salazar.

CENA I

DOUTOR ENGÊNIO, CAROLINA *ao piano*

CAROLINA — Não gosta desta *habanera*[16]*?*

DOUTOR — Prefiro a mais vulgar música a um trecho sublime de Beethoven ou de Mozart...

CAROLINA — Como assim?

DOUTOR — Quando esta música vulgar é executada pelos seus dedos.

CAROLINA *(Enleada.)* — Oh! Doutor...

DOUTOR — Peço-lhe que não me trate pelo meu título; as afeições recíprocas excluem essas formalidades banais. A sua cerimônia faz-me supor não ser correspondido.

---

[16] Ritmo de origem afro-cubana, difundido mundialmente no século XIX.

CAROLINA — Oh! porventura vê alguma coisa em mim que possa autorizar esse juízo?

DOUTOR — Só tenho lido nos seus olhos, amor, candura e inocência. Oh! amo-a muito, adoro-a, Carolina! Tenho uma vaga reminiscência de haver visto o seu semblante em um mundo ideal... no mundo dos sonhos talvez! *(À parte.)* Flor entre cardos! Pérola no lameirão! A eterna antítese! Oh! mas hei de tirá-la pura do meio impuro em que vive. Porque amo-a!

CENA II

OS MESMOS, JOSEFA

JOSEFA *(Entrando a praquejar.)* — *Má* raios te partam, te enconjuro, credo! Que azucrinação de todos os diabos! Esta molecada não me deixa sossegar! *(Vendo o doutor e Carolina.)* E estes dois aqui sozinhos! Que pouca vergonha! Vou participar ao mano que não posso mais viver nesta casa! De todos os lados só se vê má-criação, patifaria e pouca vergonha!

CAROLINA *(Deixando o piano.)* — Está zangada, tia Josefa?

JOSEFA — Estou, sim! Pois se aqui ninguém me respeita, ninguém faz caso de mim. Sou um dois-de-paus[17]!

DOUTOR — Engana-se.

JOSEFA — Deixe-me falar... que eu só falo quando tenho razão. Mandei um desses moleques à venda comprar quatro vinténs de pimenta-do-reino e o diabo levou duas horas na rua. Que lembrança teve o mano em mandar para cá os negros que não couberam na Casa de Comissão! É uma negralhada, que nem santo pode aturar!

CAROLINA — Porém...

JOSEFA — Deixe-me falar, com a breca! Não fazem caso de mim os tais senhores negros! Se dou uma ordem, ela entra por um ouvido e sai por outro. Ainda ontem disse à pernambucana que queria o meu vestido de fustão engomado hoje, e até agora a excomungada nem ao menos o pôs na goma.

DOUTOR — Mas...

JOSEFA — Deixe-me falar, homem de Deus! Eu levantava as mãos para o céu e acendia uma vela a Nossa Senhora das Candeias, no dia em que visse enforcados todos os negros desta terra! *(Olhando ironicamente para o doutor Eugênio.)* Eu bem sei que esta opinião desagrada a certos sujeitinhos que são abolicionistas, mas andam à coca[18] de meninas que tem escravos.

DOUTOR — Perdão, parece-me...

JOSEFA — Deixe-me falar... *(Carolina toma o doutor pela mão e leva-o para o jardim. Josefa não dá pela saída dos dois.)* Se a carapuça serviu a alguém, esse alguém que a deite na cabeça, e vá para todos os

[17] Insignificante.
[18] Dar coca: seduzir, fascinar.

diabos, que eu não tenho a quem dar satisfações, e não as dava nem a meu pai, que ressuscitasse! *(Vendo-se só.)* Foram-se? não importa! Hei de falar até não poder mais! Hei de falar mesmo sozinha, porque com certeza alguém estará escutando à porta. Doutor das dúzias! ainda aqui com partes de abolicionista, e quer casar com a filha de um homem que ele sabe que tem toda a sua fortuna em escravos. Ah! inveja! inveja!

CENA III

JOSEFA, SERAFIM

SERAFIM — Senhora dona Josefa, o patrão manda buscar as crioulas Jacinta e Quitéria.

JOSEFA — Ah! É você? Sente-se aqui e ouça-me *(Obriga-o a sentar-se.)* Veja se eu tenho ou não rezão quando falo. Vivo aqui no inferno, seu Serafim, sou tratada como uma negra! Ninguém me respeita, ninguém faz caso de mim. Estou morta por me ir embora. Aqui eu fico maluca, se já o não estou!

SERAFIM *(Querendo levantar-se.)* — O patrão...

JOSEFA *(Obrigando-o a sentar-se.)* — Deixe-me falar! Também você?

SERAFIM — Tem toda a razão, mas é que...

JOSEFA — Ainda ontem...

SERAFIM *(Mexendo-se.)* — O patrão tem pressa!

JOSEFA *(Gritando.)* — Deixe-me falar! Ainda ontem tinha eu dado ordem para mudar o coradouro.

SERAFIM — Nada! Vou eu mesmo buscar as crioulas... *(Sai rapidamente.)*

JOSEFA *(Perseguindo-o.)* — Ouça o resto, homem do diabo! Ainda ontem... Olhe! Seu Serafim! *(Perde-se a voz nos bastidores.)*

CENA IV

UM CREDOR, *introduzido por* LOURENÇO*, depois* GABRIELA

LOURENÇO — Faça favor de entrar... Eu vou chamar minha senhora... *(Saída falsa.)* Não é preciso: ela aí vem. *(Entra Gabriela.)* Minha senhora, este senhor deseja falar com vossemecê. *(Gabriela cumprimenta o credor com a cabeça. Lourenço afasta-se e fica escutando ao fundo.)*

O CREDOR — Minha senhora, eu vim procurar seu filho, o senhor Gustavo; o criado disse-me que ele não está em casa; fará vossa excelência o obséquio de me informar do lugar e da ocasião em que poderei encontrá-lo?

GABRIELA — Sou a última a saber da vida de meu filho, senhor. Raras vezes o vejo. Passam-se dias e dias que não vem a casa, e nunca diz para onde vai.

O CREDOR — Se vossa excelência me concedesse alguns momentos de atenção, desejava fazer-lhe revelações importantes a respeito do senhor seu filho; revelações que com certeza hão de magoá-la muito, mas que julgo necessárias.

GABRIELA — Não me surpreende. Já estou tristemente habituada aos desmandos de Gustavo; tudo tenho em vão tentado para trazê-lo ao bom caminho. — Queira sentar-se. *(Sentam-se ambos.)*

O CREDOR — Mas cuido que Vossa Excelência ignora a que ponto chegaram as coisas.

GABRIELA — Infelizmente sei. Apaixonou-se por uma mulher perdida, e, não podendo suprir as despesas extraordinárias que acarretam essas loucuras, recorre ao jogo.

O CREDOR — Recorre a coisa pior, minha senhora.

GABRIELA — Como?

O CREDOR *(Tirando um papel do bolso.)* — Tenha a bondade de ver.

GABRIELA — É uma letra de quinhentos mil réis, assinada por meu marido.

O CREDOR — Examine bem a assinatura.

GABRIELA *(Lendo.)* — Pedro Salazar.

O CREDOR — Reconhece a assinatura como do próprio punho do senhor Salazar?

GABRIELA *(Depois de uma pausa.)* — Meu Deus! *(À parte.)* Falsa!

LOURENÇO *(Corre, toma freneticamente a letra das mãos do credor e rasga-a.)* — Oh!

O CREDOR — Estou duas vezes roubado! Vou ter com a Polícia!

GABRIELA *(Tomando-o pelo braço.)* — Por quem é, não o faça! É uma mãe que lho pede! Queira esperar aqui um momento. *(Sai.)*

LOURENÇO *(Ajoelhando-se em frente ao Credor.)* — Por tudo quanto há de mais sagrado, pelo amor que tem a sua mãe, não lhe faça

mal, meu senhor! Juro por Maria Santíssima que lhe pagarei esse dinheiro dentro de pouco tempo, com o juro que quiser. *(Ergue-se.)*

GABRIELA *(Voltando.)* — Aqui estão algumas de minhas jóias. Leve-as, venda-as e pague-se, senhor!

O CREDOR *(Depois de uma pausa.)* — A prática dos negócios e o atrito dos interesses egoístas blindam-nos[19] o coração e nos tornam insensíveis aos dissabores alheios; porém não tanto como o propalam os senhores sentimentalistas... sem vintém. Quando é necessário, temos coração. Guarde as suas jóias, minha senhora! Nada transpirará deste fato, e, quanto ao pagamento, fa-lo-á quando e como lhe for possível. Às ordens de vossa excelência.

GABRIELA *(Apertando-lhe a mão.)* — Obrigada!

LOURENÇO *(Beijando-lhe as mãos.)* — Sou um pobre escravo; mas as ações generosas fazem-me chorar... *(Sai o Credor acompanhado por Lourenço.)*

GABRIELA (*Só*.) — Meu Deus! meu Deus! quando acabará este martírio? *(Cai numa cadeira a soluçar. Disfarça as lágrimas ao ver entrar a filha pelo braço do doutor.)*

CENA V

GABRIELA, DOUTOR, CAROLINA, *que entram sem ver GABRIELA*

CAROLINA — Tenha coragem, Eugênio! Declare-se-lhe francamente. Afianço-lhe que será bem tratado e receberá o preciso consentimento.

DOUTOR — Não o creio, Carolina. Basta ver-me para ficar de mau humor. Vota-me uma antipatia invencível, leio-a nos seus olhos, no seu modo de falar, em tudo! E se, sendo tão mal visto pelo dono da casa, ainda me atrevo a pôr aqui os pés, é porque... é porque...

GABRIELA *(Interpondo-se.)* — É porque ama-a, e deseja casar-se com ela. Quanto a mim, honro-me muito em tê-lo por genro. Mas meu marido é contrário a esta idéia, e meu marido é teimoso.

CAROLINA — Minha mãe!

DOUTOR — Ignoro a causa desta aversão que ele me volta.

GABRIELA — Pois ignora?

DOUTOR — Decerto. Sou perfeitamente inocente.

GABRIELA — Não consta que o doutor tem idéias emancipadoras?

DOUTOR — Sim. Se bem que não apresente como paladino, faço modestamente tudo quanto posso pela causa da emancipação dos escravos. *(Pausa.)* Estou perfeitamente convicto de que a escravidão é a maior das iniquidades sociais, absolutamente incompatível com os princípios em que se esteiam as sociedades modernas. É ela, é só ela a causa real do nosso atraso material, moral e intelectual, visto como, sendo a base única da nossa constituição econômica, exerce a sua funesta influência sobre todos os outros ramos da atividade social que se

[19] Blindar: resguardar.

derivam logicamente da cultura do solo. Mesmo no Rio de Janeiro, esta grande capital cosmopolita, feita de elementos heterogêneos, já hoje possuidora de importantes melhoramentos, o elemento servil é a pedra angular da riqueza. O estrangeiro que o visita, maravilhado pelos esplendores da nossa incomparável natureza, mal suspeita das amargas decepções que o esperam. Nos ricos palácios como nas vivendas burguesas, nos estabelecimentos de instrução como nos de caridades, nas ruas e praças públicas, nos jardins e parques, nos pitorescos e decantados arrabaldes, no cimo dos montes, onde tudo respira vida e liberdade, no íntimo do lar doméstico, por toda a parte, em suma, depara-se-lhe o sinistro aspecto do escravo, exalando um gemido de dor, que é ao mesmo tempo uma imprecação e um protesto. E junto do negro o azorrague, o tronco e a força, trípode lúgubre em que se baseia a prosperidade do meu país! Oh! não! Cada dia que continua este estado de coisas, é uma cusparada que se lança à face da civilização e da humanidade! Sei que me acoimarão de idealista, alegando que não se governam nações com sentimentalismos e retóricas. Pois bem, há um fato incontroverso e palpável, que vem corroborar as minhas utopias. E sabido que os imigrantes estrangeiros não procuram o Brasil ou não se conservam nele, por não quererem emparceirar-se com os escravos. A escravidão é uma barreira insuperável à torrente imigratória. Portanto penso que só há uma solução para o problema da transformação do trabalho: a espada de Alexandre!

CAROLINA — Muito bem, Eugênio: daria um jornalista esplêndido!

GABRIELA — As suas idéias, doutor, chegaram aos ouvidos do senhor Salazar, e foi quanto bastou para considerá-lo seu inimigo natural. *(Ouve-se a voz de Josefa, que descompõe alguém, gritando.)*

DOUTOR — Nesse caso, deverei perder as esperanças, porque, acima dos impulsos do meu coração, acham-se os princípios sagrados da liberdade e do direito conculcado[20].

GABRIELA — Mas não perca a esperança. Com paciência muito se conseguirá. Sobretudo, não precipite os acontecimentos.

CAROLINA *(Que ouve a voz de Josefa, a qual não tem cessado de ralhar.)* Titia Josefa destemperou! Vou bulir com ela! *(Alto.)* Ó titia, que é lá isso, pegou fogo na casa?

A VOZ DE JOSEFA *(Mais próxima, enquanto o doutor conversa com Gabriela.)* — Também você, sua delambida? Quer tomar chá de garfo comigo? Vem para cá, que te ponho as orelhas em pimentão!

CAROLINA *(Sempre à porta.)* — Não seja tão mazinha, titia do coração. *(Foge para junto da mãe.)*

JOSEFA *(Nos bastidores.)* — Tomara que já chegue o dia da minha morte, só para ver se eu descanso um dia na minha vida. *(Atravessa a cena com uma vassoura na mão e uma caçarola na outra.)* Amanhã me mudo desta casa. Não posso mais com esta vida! Que inferneira! te arrenego! *(Sai. Carolina arremeda-a.)*

CAROLINA — Venha cá, titia, olhe, escute!

---

[20] Vilipendiado, espezinhado.

GABRIELA *(Ao doutor.)* — Depois de amanhã vamos para a fazenda, onde passaremos um mês. O doutor não nos quer fazer companhia?

DOUTOR — Eu? Depois do que acabo de saber?

CAROLINA *(Que se tem aproximado.)* — Sem dúvida que há de ir, e por isso mesmo. Papai terá lá muito pouca gente com quem se entreter, e será obrigado a fazer as pazes com o senhor. Eu serei a intermediária. Ele não é tão mau como dizem.

GABRIELA — Além disso, o ar do campo tem a virtude de abrandar um tanto...

DOUTOR — Bem; nesse caso, aceito... *(Baixo a Carolina, passando.)* A tudo me sujeito para estar ao pé de ti. *(Apertando-lhe a mão.)* Adeus!

CAROLINA — Até quando?

DOUTOR — Até sempre. *(Aperta a mão de Gabriela.)* Dona Gabriela...

GABRIELA — Até sempre, doutor...

CAROLINA — Apareça para combinarmos na viagem. *(O doutor cumprimenta e sai. À mãe.)* Felizmente Eugênio é o médico da casa... Se não fosse isso, papai seria capaz de dar a entender que o não queria ver aqui...

GABRIELA — E se ainda o não deu, é por ignorar que ele te requesta. Mas vamos para dentro. *(Toma as jóias.)*

CAROLINA — As suas jóias? Por que estão aqui?

GABRIELA — Por nada... Vamos, Carolina. *(Saem.)*

CENA VI

SERAFIM, *entrando a tocar duas escravas diante de si, e acompanhado por* JOSEFA

JOSEFA — Mas ouça, homem de Deus!

SERAFIM — Desculpe, minha senhora, desculpe, não posso ouvir. A senhora já me tem demorado tanto! É até possível que o patrão me ponha no andar da rua! Eu sou tão caipora... sou um tipo tão arrebentado! Vamos raparigas! Vamos! Toca!

JOSEFA *(Tomando-o pelo braço.)* — Ouça, e veja se não tenho rezão quando falo... escute...

SERAFIM — Virgem Nossa Senhora! Não posso agora! Estou com muita pressa! Logo mais!

JOSEFA — Não, há de ser já... escute! *(Serafim sai correndo, tocando as negras adiante de si. À porta.)* Malcriado! Trampolineiro! *(Indo à janela.)* Patife! Desavergonhado! Vou descompô-lo pela janela do beco! *(Saindo.)* Hás de pagar-me! Hei de ensinar-te a prestar atenção às pessoas mais velhas! *(Sai gritando sempre. A cena fica vazia por alguns momentos. Por algum tempo, ouve-se ao longe a voz de Josefa. Entra Gustavo e atira, de mau humor, o chapéu ao chão.)*

CENA VII

GUSTAVO, *depois* LOURENÇO

GUSTAVO — Desgraça! Desgraça! Só me falta, para solução final, cravar uma bala nos miolos. Já o tentei uma vez, mas falhou-me a energia e tremeu-me o braço. *(Lourenço ao fundo espreita-o.)* Uma coisa por demais! Não há meio de desforrar mil réis que sejam! *(Pausa.)* Mas é indispensável, urgente, imprescindível, que eu, de qualquer modo, resgate aquela letra, para ao menos ressalvar o resto de vergonha e honradez compatível com a deplorável vida que levo! *(Atira-se no sofá e fecha os olhos. Pausa.)* Treze... Treze... Quatorze! Quinze! Chorrilho de grandes! Em um quarto de hora posso ganhar uma fortuna, deixando a dobrar! *(Abre os olhos, olha em roda de si e aponta para o gabinete.)* É ali. *(Tirando uma chave do bolso.)* A chave cabe perfeitamente... Tiro o dinheiro, e em menos de meia hora o reponho! Ninguém o saberá. *(Dirige-se para o gabinete e estaca na porta.)* Gustavo! Gustavo! que vais fazer? Miserável! Ah! Porém... Ora! Não há dúvida! Bastará um chorrilho de oito grandes para endireitar tudo! *(Sai.)*

CENA VIII

LOURENÇO, *depois* GUSTAVO

LOURENÇO *(Que tem acompanhado ao fundo todo o monólogo de Gustavo, dirige-se à porta do gabinete e espreita.)* — Que faz ele? Jesus! Misericórdia! Abre a secretária com uma chave falsa! Ah! não! custe o que custar, hei de impedir aquela infâmia, que o desonra... e que me desonra também!

GUSTAVO *(Voltando, sem ver Lourenço, contando o dinheiro.)* — Trezentos! Trezentos e cinquenta! Um chorrilho de oito grandes é coisa muito comum nos dados. Pondo cinquenta mil réis a dobrar, levanto quatro contos e oitocentos num abrir e fechar d’olhos! *(Vai a sair.)*

LOURENÇO *(Interpondo-se.)* — Dê-me isto?!

GUSTAVO *(Surpreendido.)* — Isto quê?!

LOURENÇO — Dê cá este dinheiro!

GUSTAVO — Enlouqueceste! Quem és tu para me falares assim?

LOURENÇO — Eu, Lourenço. Sou eu.

GUSTAVO — Arreda, bêbado! Deixa-me passar!

LOURENÇO — Não há de sair daqui com o que tem na mão!

GUSTAVO — Não estou agora para aturar-te a cachaça! Se estivesses bom da cabeça, pagavas-me caro o desaforo! *(Vai a sair.)*

LOURENÇO *(Colocando-se na porta.)* — Não sairá sem me entregar este dinheiro!

GUSTAVO *(Encolerizado.)* — Deixa-me, diabo!

LOURENÇO — Não! *(Segura Gustavo, que tenta sair.)*

GUSTAVO — Cão! Olha que és um negro cativo, e eu sou teu senhor!

LOURENÇO — Pouco importa! Não posso consentir no que faz! Entregue-me o dinheiro! *(Pequena luta, finda a qual, Lourenço tem-se apoderado do dinheiro.)*

GUSTAVO — Miserável! Ladrão! Patife! Corto-te a chicote! *(Dá-lhe uma bofetada no momento em que aparece Gabriela.)*

CENA IX

LOURENÇO, GUSTAVO, GABRIELA

GABRIELA — Lourenço! Gustavo! Meu Deus!...

LOURENÇO *(Em tom singular.)* — Esta bofetada será um direito perante os homens, mas perante Deus é um sacrilégio. Eu...

GABRIELA *(Correndo para Lourenço.)* — Lourenço, não o digas!

LOURENÇO *(Desvencilhando-se.)* — Eu sou teu pai! *(Tomando Gabriela pelo braço.)* Negue! Negue, se é capaz! *(Gabriela dá um grito e cai desfalecida. Longa pausa. Gustavo fulminado recua paulatinamente, fitando Lourenço com o olhar desvairado. Entra Salazar, que estaca no fundo ao ver a cena.)*

CENA X

OS MESMOS, SALAZAR

SALAZAR *(Descendo.)* — Que é isto?! Minha mulher desmaiada... Meu filho desvairado... Este negro... *(Vendo dinheiro.)* Dinheiro! *(Tomando-lhe das mãos.)* Dinheiro?! Onde o roubaste?

LOURENÇO *(Caindo de joelhos a soluçar.)* — Da sua secretária, meu senhor.

SALAZAR *(Colérico.)* — Ladrão! Além do mais, é ladrão!

GUSTAVO *(Como voltando a si, febrilmente.)* — Negro?! Eu! Filho de um escravo! Oh!... Impossível! Meu Deus!

FIM DO SEGUNDO ATO

ATO III

Na fazenda do Pouso-alto. Sala interior, vendo-se ao fundo o terreiro, com depósito de cereais e aparelhos agrícolas. Arvoredos, etc., etc. Ao levantar do pano, ouve-se a voz do feitor dando ordens.

CENA I

JOSEFA, EVARISTO

A VOZ DE EVARISTO — Se não tens força, vou eu ensinar-te*! (Ouve-se estalar o chicote)* Tira o couro deste animal! Grita, burro, que quanto mais barulho fizeres, pior será. *(Gemidos de dor.)* Levem-no para o roçado novo, à beira d'água, amarrem-no a um tronco de árvore! Lá poderá berrar à vontade. *(Esvaem-se os gemidos e a voz.)*

JOSEFA *(Entrando.)* — É só o que se vê *desde menhã* até de noite! Negro, café, chicote, tronco; tronco; café, chicote, negro. *Despois* que aqui *cheguemos,* há mais de quinze dias, inda não vi nem ouvi outra coisa! Quem é que pode com esta vida? *Despois* dizem que eu sou faladeira... Eu só falo quando tenho *rezão.* Se não querem me ouvir, vou pro meio do cafezal, e hei de falar, falar, até não poder mais! Quem é que pode ficar calado quando assunta coisas daquelas! A gente perde até a vontade de comer! Ora, quem *havera* de pensar! ... Bem sei por que ela ficou maluca... Desde muito tempo que o tal nhonhô Gustavinho me dava que pensar! Ela é branca, o mano é muito disfarçado... Como é que saiu um filho moreno e de cabelos duros? Isto sempre me intrigou; mas, enfim, não dizia nada, porque eu só falo quando tenho *rezão...* Porém, *despois* que vi o tal Gustavinho variando por causa da moléstia, confirmaram-se as minhas desconfianças, e vou dar parte ao mano, aconteça o que acontecer. E sabe Deus, sabe Deus, se ela está doida, e se aquilo de estar no hospício não é manha! E de família! Já a mãe não se falava bem dela, e a irmã....cala-te, boca! Elas, pelo menos, procuravam gente branca. Mas não um escravo, um negro! Oh! fico toda arrepiada quando penso nisso! *(À parte.)* Com um escravo! parede. *(A uma cadeira.)* Com um negro, cadeira! *(Ao sofá.)* Um negro! *(Repete a todos os objetos que se acham na sala com tremeliques nervosos e sai com as mãos na cabeça e repetindo.)* Um negro! Um negro!...

CENA II

DOUTOR, CAROLINA; entra *cada um de seu lado*

CAROLINA *(Indo ao encontro do doutor.)* — Como o acha, Eugênio?

DOUTOR — Posso quase assegurar-lhe que está livre de perigo, salvo complicações imprevistas; Gustavo foi presa de uma fortíssima comoção cerebral que, se devesse matá-lo, já o teria feito. Consegui

debelar a febre que o prostava, e cuido que o seu estado deixou de ser melindroso.

CAROLINA — E minha mãe, e minha pobre mãe?!

DOUTOR — Talvez recupere a razão no Hospício de Pedro II, para o qual foi necessário removê-la. Mas não tenho esperança alguma. A sua loucura apresenta um caráter horrível.

CAROLINA *(Chorando, apoia-se ao ombro do doutor.)* — Eugênio! No meio de que desgraças e dissabores tem se alimentado o nosso amor!

DOUTOR — Consola-te, Carolina.

CAROLINA — E por mais que procure, não atino com a causa de tanto infortúnio. Minha mãe louca.... Gustavo doente... Lourenço... Não sei por quê, mas parece-me que Lourenço não é estranho a estas desgraças... A cólera de papai, a fugida de Lourenço...

DOUTOR — Lourenço subtraiu dinheiro da secretária de seu pai... A exaltação do senhor Salazar impressionou dona Gabriela a ponto de lhe tirar a razão... A doença de Gustavo é causada, sem dúvida, pelo estado em que viu sua mãe!

CAROLINA — Vamos ter com Gustavo... É preciso não abandoná-lo um só momento... Pobre irmão! Venha comigo, Eugênio. *(Saem)*

CENA III

SALAZAR, EVARISTO, FEITOR

SALAZAR — Encampo tudo quanto fizer. Para negros não há contemplações.

EVARISTO — Eu cá não brindo. À menor falta que cometam, trabalha o bacalhau feio e forte!

SALAZAR — Assim! Entendo que o negro só deixa resultado com o seguinte sistema: das cinco da manhã às sete da noite é roçar, derrubar matas e apanhar café; às oito da manhã e à uma da tarde é angu, abóbora e couve. E sempre que for possível, chicote e tronco, para tirar-lhes a preguiça!

EVARISTO — É o sistema por mim seguido desde que o senhor me confiou a administração desta fazenda. Tenho-me dado muito bem com ele, e não pretendo mudá-lo.

SALAZAR — São todos mansos como cordeiros.

EVARISTO — A maior parte. Há um grupo de quatro ou cinco um tanto rebeldes. Negros novos. Gente do Ceará. Antipatizam comigo; mas essa ojeriza têm-lhes custado caro. Ainda há pouco, mandei surrar um deles com todos os sacramentos... Prometo que hei de pô-los a todos no bom caminho! E o tal Lourenço? Nada?

SALAZAR — Já foi filado, segundo um telegrama de Serafim, que hoje recebi. O rapaz é esperto, foi uma bela aquisição, o Serafim!

EVARISTO — Ainda bem! Agora sua licença: vou dar providências sobre o embarque do café!

SALAZAR – Vá, vá, senhor Evaristo. *(Evaristo sai)* É o beijinho dos feitores.

CENA IV

JOSEFA, SALAZAR

SALAZAR *(A Josefa, que entra.)* — Como vai o rapaz, mana?
JOSEFA — Sei cá! Pode ir melhor, ou pior, ou na mesma, pouco se me dá!
SALAZAR — Oh! não tanto assim! Gustavo é um estróina, é um inútil, convenho; mas afinal, é meu filho, e portanto seu sobrinho...
JOSEFA — Meu, não! Lavo a testada!
SALAZAR — Hein?...
JOSEFA — Nunca!
SALAZAR — Nunca?!
JOSEFA — Jamais!
SALAZAR — Explique-se! Não gosto de meias palavras.
JOSEFA — Quantos dedos tenho eu nesta mão?
SALAZAR — Cinco, creio.
JOSEFA — E nesta outra?
SALAZAR — Cinco também, parece-me!
JOSEFA — E nas duas juntas?
SALAZAR — Ora vá para o inferno.
JOSEFA — Diga!
SALAZAR — Dez! Vamos lá!
JOSEFA — Pois tenho tanta certeza de ter cinco nesta, cinco nesta, e dez nas duas juntas, como tenho a certeza de que o tal Gustavinho não é seu filho, e muito menos meu sobrinho.
SALAZAR — Você está caducando ou deu na aguardente do alambique!
JOSEFA — Mano, eu só falo...
SALAZAR — Quando tem razão: os doidos dizem a mesma coisa.
JOSEFA — Desculpo as suas má-criações, porque eu só quero o seu bem. Está então convencido de que esse coisinha é obra sua?
SALAZAR — Não! provavelmente há de ser do vigário.
JOSEFA — Olhe que eu estou falando sério. Quem dera que fosse do vigário!
SALAZAR — Então há de ser do diácono!?
JOSEFA — Desça!
SALAZAR — Do sacristão.
JOSEFA — Desça mais!
SALAZAR — Ora desça você para as profundezas do inferno com a sua língua de víbora, e vá aborrecer ao diabo que a carregue!

JOSEFA *(Segurando-lhe no braço)* — Diga-me uma coisa: que dia é hoje?

SALAZAR — Sexta-feira.

JOSEFA — Quantos do mês?

SALAZAR — Doze.

JOSEFA — Que horas são?

SALAZAR — Deve ser dez. Ora, senhor! Já me não bastava a mulher doida! Também esta!

JOSEFA — Pois bem: tome nota do que lhe disse, mês, semana, dia, hora, e lugar.*(Saindo, com ironia.)* Eu é que sou maluca! Eu é que sou maluca! *(Saída falsa.)*

SALAZAR *(Segurando-a com força pelo braço.)* — Velha maldita! explique-se ou a esgano! Não sei a quem se referem as suas suspeitas. Você não passa de uma miserável caluniadora, de uma vil intrigrante, de uma envenenadora de profissão! Eis aí ! *(Dá-lhe um empurrão, Josefa vai cair sobre o sofá.)*

JOSEFA *(Erguendo-se.)* — *Apare* o carro! Quer que eu me explique? Pois eu me explico. *(Pausa.)* De que cor é a sua pele?

SALAZAR — Aí vem o estilo cabalístico! *(Com força.)* Branca!

JOSEFA — Sim... . apesar de que o nosso bisavô materno era pardo.

SALAZAR *(Tapando-lhe a boca.)* — Psit, mulher!...

JOSEFA — Bem pardo!

SALAZAR — Mana!

JOSEFA — E foi escravo até a idade de cinco anos!

SALAZAR — Cala-te, diabo!

JOSEFA — Ninguém nos ouve. Era mulato e escravo; mas a aliança com galegos purificou a raça, de sorte que tanto você como eu somos perfeitamente brancos... Temos cabelos lisos e corridos, beiços finos e testa larga.

SALAZAR — Bem; que mais?

JOSEFA — Qual é a cor de sua mulher?

SALAZAR — Branca...

JOSEFA — E bem branca. Ora, sim, senhor. Como é que explica que seu filho seja bastante moreno, tenha beiços grossos e cabelos duros? Hein?

SALAZAR *(Sorrindo.)* — Você é uma toleirona. Também a mim, isto causava espécie; mas disse-me um médico ser este fato observado em famílias que contam um ou mais ascendentes remotos de cor. Desgostou-me muito isso; mas enfim! São caprichos da natureza! Uma raça não se purifica inteiramente senão depois de séculos... A mestiçagem com africanos produz atavismos...

JOSEFA — Bem... não digo mais nada... Prefiro deixá-lo na doce ilusão. *(Vai a sair.)*

SALAZAR *(Segurando-a.)* — Com mil diabos! Já agora quero saber!

JOSEFA — Quer?

SALAZAR — Sim!

JOSEFA — Pois ouça lá, mesmo porque já estou engasgada. Sou capaz de estourar, se fico calada! Ontem à noite fui ao quarto de Gustavo... Ele estava ardendo em febre e delirava... Sabe o que dizia? Dizia assim — Eu? Filho de um negro? Eu? Negro? Eu? Ladrão?!

SALAZAR *(Muito agitado.)* — E o que conclui você daí?

JOSEFA *(Hipocritamente.)* — Concluo... concluo que o Lourenço é uma cria de família... muito estimado... escandalosamente protegido por sua mulher. Deus lhe perdoe, e.. *(Salazar agarra na garganta da velha, dá um grito e sai correndo.)*

CENA V

JOSEFA *(Só.)*

JOSEFA — Quase me estrangula! Ih! Nunca pensei que a coisa causasse tanto barulho! *(Com voz medrosa e de mãos postas.)* Meu Santo Antônio, fazei com que não aconteça alguma desgraça, porque tal não era a minha intenção! Juro que não era a minha intenção! Juro que não era! *(Jura com os dedos em cruz.)* Vós bem sabeis, meu bom santo, que só falo quando tenho *rezão.* Vou para o meu oratório rezar dez padre-nossos e dez ave-marias, para que fique tudo em paz nesta casa! *(Benze-se.)* Minha Nossa Senhora das Candeias! Ainda bem que eu estou fora de toda esta intrigalhada *(Fora de cena.)...* e tenho a minha consciência limpinha. Só me meto com a minha vida... *(Perde-se a voz.)*

CENA VI

GUSTAVO. *magro, pálido, alquebrado, amparado pelo* DOUTOR *e por* CAROLINA

DOUTOR — É uma imprudência! Faz mal, faz mal, senhor Gustavo!

GUSTAVO — Não, doutor... ficarei sossegado... aqui... nesta poltrona... *(Sentam-no.)*

CAROLINA — Meu irmão, atende ao teu médico...

GUSTAVO — Deixem-me... quero estar só! *(Fecha os olhos. Carolina, depois de uma pausa, julgando-o a dormir, impõe silêncio ao doutor, toma-o pelo braço e saem ambos pé ante pé. Só.)* Terrível! terrível pesadelo de todos os momentos! Oh! por que me não fulminou um raio, minutos depois daquela monstruosa revelação?! Deus! Destino! Providência! Acaso! Qualquer que seja o teu nome, és bem cruel para

aquele cujo único crime foi a leviandade e a inexperiência próprias da mocidade! *(Nervosamente.)* Gustavo Salazar, és filho de um escravo! Ferve-te nas veias o sangue africano! Pertences à raça maldita dos párias negros! À qual sempre votaste o desprezo mais profundo! Tua mãe prevaricou com um escravo... Oh! *(Soluça amargamente.)*

CENA VII

O MESMO, SERAFIM, LOURENÇO

SERAFIM *traz pelo cós da calça* LOURENÇO, *que tem as mãos amarradas sobre as costas, e está magro, hirsuto e com ar idiota.*

SERAFIM — Aqui está o negro! Safa! Custei! *(À parte.)* Quando ia entrar na estação da estrada de ferro, encontrei o presidente do Clube Abolicionista Pai Tomás... Mas é preciso ganhar a vida! *(Gustavo ergue-se e recua espavorido para o canto oposto do teatro, fitando Lourenço com o olhar desvairado.)* Admira-se, não é assim? Ah! eu cá, quando porfio[21], mato caça. Eu e dois pedestres andamos por ceca e meca e Olivares de Santarém, mas afinal seguramos o negro, e bem seguro! *(A Lourenço.)* Foge agora, se és capaz, tratante! cachorro! peste! descara...

GUSTAVO *(Segurando-o pela garganta.)* — Cale-se!

SERAFIM *(Engasgado.)* — Fala comigo?

GUSTAVO — Se ousar dirigir-lhe a mais leve injúria, mato-o! *(Larga-o).*

SERAFIM *(À parte.)* — Esta agora! que bicho o mordeu? *(Alto.)* Mas senhor Gustavo...

GUSTAVO — Saia! *(Empurra-o.)*

SERAFIM *(Saindo, à parte.)* — Ora, dá-se! Homessa!...

CENA VIII

GUSTAVO, LOURENÇO, *depois o* DOUTOR

Cena muda. Ficam em frente um do outro, silenciosos.

GUSTAVO *(Consigo.)* — Sonho terrível! Meu... pai, aquele que ali está! Mas, não! É o delírio da febre... Impossível! *(Pausa. Inclina-se sobre o sofá e oculta o rosto, soluçando.)* Dilata-se-me o coração... estala-se-me o peito que mal o pode conter... É o grito fatal da natureza! É a voz

[21] Discutir, debater.

sagrada do sangue! *(Por três vezes sucessivas Gustavo vai dirigir-se a Lourenço, mas, ao aproximar-se dele, recua convulsivamente, com certa repugnância. Lourenço curva a cabeça e soluça. Neste momento, o doutor vai entrar, mas, vendo o quadro, volta e assiste à cena, da porta, sem ser visto pelos dois.)* Aquele que ali está amarrado e vi ipendiado, que em breve vai sentir nos seus pés o ferro da ignomínia e em suas costas o açoite infamante do cativeiro, é... é meu pai. *(A tira-se aos braços de Lourenço, o qual, com um supremo esforço e dando três solavancos, quebra as cordas que lhe algemam os pulsos. Ficam abraçados.)*

DOUTOR *(À parte.)* — Compreendi tudo! meu Deus!... *(Desaparece.)*

CENA IX

GUSTAVO, LOURENÇO,. SALAZAR, SERAFIM, *depois* EVARISTO

SALAZAR *(Depois de fitá-los com ódio, a Serafim.)* — Vá chamar o Evaristo. *(Serafim sai.)*
GUSTAVO — Para que o Evaristo?
SALAZAR — Com que direito me faz essa pergunta?
GUSTAVO — Não sei! Pergunto para que manda chamar o Evaristo?
SALAZAR — Para arrancar o couro àquele negro!
EVARISTO *(Entrando.)* — Pronto!
SALAZAR *(Apontando para Lourenço.)* — Ei-lo! Entrego-lho à discrição. *(Evaristo, com um gesto de ameaça, dirige-se para Lourenço.)*
GUSTAVO — Não lhe toque!
SALAZAR *(À parte.)* — Ah! *(Alto, brandindo o chicote que arranca das mãos do feitor.)* Pois começarei eu mesmo!
GUSTAVO *(Interpondo-se.)* — Por Deus, que o não há de fazer!
SALAZAR *(Furioso.)* — Afaste-se! Afaste-se! senão aplico-lhe uma chicotada!...
LOURENÇO *(A Gustavo.)* — Deixe-o, meu senhor... Eu sei o que devo fazer. *(Sai. Evaristo acompanha-o, Gustavo quer também acompanhá-lo, mas cai abatido e tenta em vão erguer-se.)*

CENA X

SALAZAR, GUSTAVO

SALAZAR — Filho do meu escravo!
GUSTAVO — Já o sabia?! Tanto agora como mais tarde!
SALAZAR — Esta sala não é lugar de moleques. Saia!

GUSTAVO *(Erguendo-se a custo.)* — Sairei... Antes, porém, há de ouvir-me...

SALAZAR — Não discuto com os filhos dos meus escravos!

GUSTAVO *(Com calma terrível.)* — Sou filho do seu escravo, sim, e nem por isso me julgo mais desprezível do que quando supunha ser seu filho, percebe? A febre escalda-me.., o delírio faz-me ver a nu a verdade das coisas... Ouça-me... *(Segurando-o.)* Desde o momento em que soube que me corria nas veias o sangue de um escravo, senti que este sangue vinha, não deturpar ou desonrar, mas sim tonificar o meu organismo, corrompido pela educação que o senhor me deu! Agora, ao menos, tenho no coração um sentimento, coisa que só de nome conhecia... Dinheiro! estolidez[22]! vícios! crueldade! insolência! bestialidade! eis tudo quanto eu sabia do mundo. E foi o senhor que me ensinou! Percebe?

SALAZAR — Já disse que não discuto com um negro!...

GUSTAVO — Negro, sim! Sou da raça escravizada! Sinto as faces abrazadas pelo sangue ardente dos filhos do deserto, que os seus predecessores algemam à traição, para virem com eles poluir o seio virgem das florestas americanas! Negro, sim! Sou negro! Estou aqui em sua frente como uma solene represália de milhares de desgraçados cujas lágrimas o têm locupletado. Ah! os senhores pisam a tacões a raça maldita, cospem-lhe na face?! Ela vinga-se como pode, introduzindo a desonra no seio de suas famílias! *(Cai extenuado e em prantos.)* Ó minha mãe!

SALAZAR — Não me fale em sua mãe, senhor! se não estivesse louca, eu...

CENA XI

OS MESMOS, SERAFIM, *que entra esbaforido, depois* JOSEFA

SERAFIM — Patrão.., patrão... O Lourenço enforcou-se!

GUSTAVO *(Com um grito.)* — Enforcou-se! *(Sai como um louco, mal podendo suster. Salazar tem um sorriso de satisfação.)*

SERAFIM — Os negros, ao verem-no morto, revoltam-se, e, armados de foices, perseguem o feitor pelo cafezal a dentro! Acuda-o!

SALAZAR — Miseráveis! *(Agarra uma espingarda que está a um canto e sai arrebatadamente)*

SERAFIM *(Só.)* — Escapei de boas! Qual! Decididamente não me serve o ofício! É muito perigoso e eu tenho amor à pele! Vou fazer-me de novo abolicionista, e voltar ao Clube Pai Tomás, para ver se melhoro de condição...

---

[22] Estupidez, burrice.

JOSEFA *(Entrando com muito medo.)* — Senhor Serafim! Senhor Serafim! *(Ouve-se fora vozeria confusa.)* Misericórdia! *(Foge, benzendo-se.)*

SERAFIM — Eu aqui não estou seguro! Vou esconder-me no quarto da velha. *(Sai. Continua a vozeria.)*

CENA XII

SALAZAR, *depois* CAROLINA, *depois escravos, o* DOUTOR

O ruído cresce e aproxima-se. Ouve-se a detonação de uma espingarda. Salazar entra perseguido e coloca-se contra a porta, que de fora tentam arrombar.

SALAZAR — Venham! Morrerei no meu posto e venderei caro a vida!

CAROLINA *(Entrando.)* — Não se exponha! Fuja por ali, meu pai!

SALAZAR *(Louco de furor.)* — Seu pai? Eu! Procure-o no meio desses que vêm me assassinar. Talvez o encontre!

(Arrombam a porta. Entra uma multidão de escravos armados de foices e machados. Avançam para Salazar. Carolina, interpondo-se, ajoelha.)

CAROLINA *(Com lágrimas na voz.)* — É meu pai! Piedade! *(Os negros ficam interditos, olham uns para os outros, abatem as armas e retiram-se resmungando, Salazar abraça Carolina e chora.)*

SALAZAR — São as minhas primeiras lágrimas, Carolina! *(Longa pausa, durante a qual Salazar soluça apoiado ao colo da filha.)* Mas... Gustavo?

DOUTOR *(Entrando.)* — Fui encontrá-lo morto, junto ao cadáver de seu pai.

FIM DA PEÇA

(Cai o pano)